

110

João das Chagas

Contos ingenuos

Lea

1900

1900

1900

## O santo eremita

Havia quasi cincoenta annos q  
elle assumbrava, com as suas aust  
ridades, o deserto inhospito da O'h  
baida.

Em sua vida penitente, chegara  
a tal grau de santidade, que  
passaros lhe pousavam, confiada  
mente, nos hombros adustos, e a  
feras lhe lambiam, reverente, os  
pés encarquilhados.

Naquelle solidão alpestre de  
monte e penedia, transcorra  
lhe a maior parte da vida.

Era bem moço, quando, aban  
donando o convívio social a o  
vite do Mestre Divino, ali se  
fugiára.

Ninguém havia pensado, até a  
Tão, em habitar aquelle solo  
grato, sobre que a maldicção  
de Deus parecia pesar, tremendo  
Fera elle o primeiro.

Alli se lhe interinçara o corpo  
ousado e magro; alli se lhe en  
novellára a barba mosaica;  
alli perdora a plasticidade do ho  
mem civilizado, transformando-se  
no <sup>homem</sup> ~~homem~~ primitivo, queda  
do, horravel, tão selvagem no  
peto, que se imporia, com faci  
lidade, ao respeito das feras,

estor  
ellas o não reverenciarem pela  
sua santidade.

S. João Baptista, no deserto, de-  
via ser como elle.

A transformação do homem, no  
reino do cosmos, obedece a leis  
inmutáveis do meio. Em face  
da natureza bruta, o homem  
acaba infallivelmente por iden-  
tificar-se com ella.

Os musculos se lhe arredondam  
sob a pelle tanada, espalhando  
em boças como as raizes do solo,  
a cabelleira alonga-se-lhe, en-  
volvidando-se como frondes  
entranças de arvores espadadas; as  
pernas engrossam-se, espicham-se  
encouraçadas, e de carepas; os bra-  
ços esgalham-se como ramos ver-  
dinhos; as mãos abutalham-se,  
perdendo a delicadeza fresca  
dos contornos; os pés espraçam-  
se, largos e caracachentos, sobre  
as alparcas de couro cru.

Mas se o corpo do eremita se  
transformava, ao contacto selva-  
tico daquella natureza barba-  
ra, sua alma se conservava  
sempre a mesma, moça e de-  
licada, de uma mocidade que  
infundia saúde, de uma delica-  
deza que encantava.

Nas suas exaltações apaixonadas de amor, transportava-se, em espirito, ao céo; via Jesus, radiante de gloria, olhando-o com aquelle olhar profundo e doce, que na terra penetrava os almas; proximo d' elle, Maria Santissima, com a sua linda coroa de rainha, na cabeça <sup>Remanece para ad.</sup> ~~bande~~ta; os apóstolos, em baixo; os santos, todos os santos; as virgens, os martyres, os confesores, os anjos...

Os dias e grande parte das noites, passava-os em orações intermináveis, ajoelhado sobre a terra viva.

Pouco dormia. Esazi não comia.

A sua refeição, pouca e má, que era a unica no dia, consistia unicamente de uma pouca de herba, que elle ia apañhar aos beirões dos rocados, e agua fresca do fuent.

Não na vida intima de união com Deus, tinha a vontade de se tal modo submettida ao beneplacito divino, que não havia para elle acasos ou contratempos molestos.

As inverniaes braves como os vinhos esaldantes, os outonhos louros como as primaveras verdes, acellhi

os <sup>ella</sup> / com as mesmas demonstrações  
de júbilo, as mesmas lías temas  
de reconhecimento lhe <sup>brota-</sup>  
<sup>vam</sup> ~~nas~~ dos lábios áquelle que  
é o autor sapientissimo de  
das as coisas.

Nunca as sorpresas do maligno  
puderam desviar aquella exis-  
tencia angelica da linha recta  
da virtude.

Os monges da planície, que iam  
queixar-se-lhe das illecitas trai-  
çoas do genio do mal, ficaram  
maravilhados da santa calma  
do ancião. E tinham <sup>aquillo</sup> ~~tudo~~ <sup>por</sup>  
um doam especial do céu.

A principio, vivia o santo ere-  
mita, esquecido dos homens, a  
louvar o Senhor, sózinha naquella  
asperidão de serra. Uma  
noite, porém, surge-lhe, inesper-  
adamente, no terceiro, uma  
leão, de pelo fulvo, ferida, a-  
quejante, gemendo dolorosamente.  
Os olhos lacrimosos, que ella vol-  
veu para o eremita, tinham  
uma expressão tão doce de  
supplica, que o moveram logo  
á piedade. Alma semivel ás mi-  
serias alheias, não podia ver uma  
do, fuz embora em um animal  
que não procurava applica-

lhe um paliativo qualquer. E foi  
com verdadeira compaixão, <sup>pela fera</sup> que  
tomou o seu furo de agua  
cristallina, transferiu o liquido  
na mão e lavou <sup>o</sup> com elle, bem  
lavadinha, a ferida. ~~do animal~~  
~~animal~~.

Aquella noite, que era uma  
noite abafada e quente, uma  
das quentes noites orientaes, sem  
vento nem chuva, teve o cari-  
doso eremita de passar sem  
agua. A fonte ficava muito dis-  
tante, na vertente opposta do  
montanha, e, para ir até lá, ti-  
nha que trilhar cançostas e  
maranhadas de urzes e la-  
deiras ericadas de rebos aspe-  
ros.

Depois do curativo, carregou pa-  
ra dentro do seu arminado  
eremiteris, a fera exangue. En-  
taria assim, ao abrigo de  
qualquer eventualidade desagra-  
davel.

Gracas á sua solícitude, a  
leoa restabeleceu-se depressa. E,  
em signal de reconhecimento, nun-  
ca mais o quiz abandonar, re-  
quiendo-lhe as pegadas por to-  
da a parte, como um cãozinho  
mauso.

Se elle ia á fonte, precedia-o,  
aos saltos, espaventando as serpes  
venenosas do leite fragoso do  
Trilho; se scia á cozinha de her-  
va, vndera-lhe o pau, não lhe  
succedese côm em alguma cita-  
da das feras; se se pomba a  
rezar, ella, agachada, as patas en-  
cruz, ventre em terra, ficava a  
olhal-o, enlevada, com os seus gran-  
des olhos pacíficos, bebendo-lhe, na  
phisionomia seraphica, as expres-  
sões beatificas dos êxtases.

À noite, montava guarda á hu-  
milde cabana do velho eremita.

A simplicidade montesina desse  
idyllis do <sup>quintidiano</sup> ~~eremita~~ foi, em  
breve, interrompida, com o appa-  
recimento de <sup>uma</sup> ~~uma~~ <sup>visita</sup> incommoda,  
<sup>terto dia,</sup> ~~um~~ cenobita, que vagava perdi-  
do na aspereza daquellas bran-  
cas penedias, foi dar, ~~casualmen-~~  
te, ao eremiterio ignorado do  
<sup>homem</sup> ~~serro~~ de Deus.

Da pequena pratica que com <sup>este</sup> ~~ella~~  
teve, toda ella sobre coisas do  
côrdo da vida autera do eremita,  
de tudo que viu e ouviu, con-  
cluiu lá o amigo que estava  
diante de <sup>um</sup> ~~um~~ <sup>padre</sup> ~~um~~ de Deus,  
e ao outro dia, andou elle, de  
cenobio em cenobio, a contar

aos seus companheiros admirado, o  
teor de vida penitente do san-  
to varão.

A justa curiosidade de conhe-  
cer de perto homem tão prodi-  
gioso, muitos d'elles empreenderam,  
sem mais demora, na manhã  
seguinte, a ardua viagem ao mon-  
te.

Estão havia o menor exagero na  
narração do companheiro. Tudo o  
que lhes dissera a respeito do  
eremita, era a pura verdade.

Aquella vida não parecia mais  
terrena, tão desligada se acha-  
va das coisas perecedoras des-  
te misero planeta sublimar.

A miséria santa, a ultima mi-  
seria, reflectia-se por toda a par-  
te, no seu já meio descolinado  
eremiterio.

Folhelho de palha amarelleta  
servia-lhe de leito, nas exaustas  
horas de repouso. O Travezeiro  
era um giram-soldado, que ac-  
cumulava ainda as funcções de  
banco de ~~estudo~~.

O furo, collocado a um canto,  
descobria, na crosta rebocada,  
que o furoza externamente,  
a janagem dos amos.

Era toda a sua riqueza, na



Uma, induzia um cajado, a que se atrevera quando saia, e uma panela de barro, em que cozia as suas herbas.

O habito caia-lhe aos pedaços, e abria-lhe, a intervallos, nas pernas ankylosadas, os sulcos profundos que as disciplinas cavavam.

A tarde, quando regressaram, a alma nadando-lhes nas mais vivas consolações. Haviam, em verdade, conhecido um justo.

Levada por essas testemunhas insuspeitas, a fama da santidade do eremita espalhou-se, rapidamente.

Os carreiros, emmaranhados de arneses, transformaram-se depressa em leitos de caminhos largos. Raro era o dia, em que, a consultal-o sobre coisas da vida espiritual, não subisse um cenobita aquelas escarpas ingremas. E os seus conselhos salvavam, e as suas palavras eram palavras de vida eterna.

Das margens do Mediterraneo á ribeira do rio Tamar, o seu nome corria, engrandecido pela fama de milagres, imbuído por esse espirito de admiração reverente que se vê nos santos de Deus.

se costuma tributar.

Caravanas de peregrinos vinham, de remotas paragens, pedir-lhe o milagre da sua cura. E elle attestia a todos, rico e pobre, com a mesma tenaz solicitude, bondoso e compassivo.

<sup>uma amiga e uma</sup> A Leoa é que não gostava muito dessas visitas importunas. Às vezes, á aproximação de gente, punha-se a rosnar, em attitude aggressiva. Era preciso que o visitante a aquietasse.

\* \* \*  
Anos passaram.

A devoção ao santo augmentava, dia a dia.

Um beduíno que dezia, vagozoso, ao pino do sol, as faldas alpestres da montanha, trouxe a dolorosa noticia de que o santo varão estava moribundo. E logo todos os anachoretas, que faziam vida penitente nos desertos inhospitos da Phelaida, aborçados aos seus cajados, puzeram-se a caminho, para assistir ao feliz transpase do santo varão de Deus.

Subiram a estrada fagosa, cantando e levando os lenhos pela graça inmerecida que lhes ia conceder.

Encontraram-no deitado sobre a  
palha encardida, com a face vol-  
tada para o céu, erando. ~~A~~  
~~em~~ ~~Apollon~~ ~~se~~ ~~em~~ ~~redes~~  
~~de~~ ~~que~~ ~~um~~ ~~passo~~  
a um pensamento auspicioso, a  
uma scena empolgante, que lhe  
havia de servir de estimulo  
duradouro à sua vida de mor-  
tificações. E, emquanto esperavam  
a feliz hora, repassavam, cheios  
de unção, entre os dedos mol-  
dos, <sup>grossas</sup> ~~as~~ ~~rosas~~ ~~benedictas~~ dos seus  
benedictos rosarios.

Uma lividez mortal estampou-  
se nas faces engeladas do en-  
fermo.

A agonia começava.

Dos labios dos cenobitas irromperam  
então, entre soluços e lagrimas,  
~~o~~ ~~de~~ ~~profundas~~ ~~do~~ ~~agonizantes~~ ~~ben~~  
<sup>a</sup> <sup>oração</sup> ~~orações~~, cantada ~~em~~, as compozi-  
ções rhythmicas daquellas vozes verdadei-  
ramente archangelicas, na calma  
agreste da tarde luctuosa, ondula-  
va no ar morto como uma mu-  
sica edente, subia em espiras  
mares, espalhava-se no espaço,  
transfundia-se nas ondas sonoras,  
impregnando as almas, as auras,  
os arredos, toda a paisagem ves-  
pual de uma tristeza doce, que

o crepusculo <sup>sobremaneira</sup> augmentava.  
No seu leito de palhas ruyas, o  
miseravel abria demedidamente  
te os olhos, succollava a bocca  
que a lingua humida succollava  
com os dedos hirtos succollava  
a cabelleira intonsa, na attitud  
de afflictiva de quem lucta  
contra um pesadelo importun  
no.

Alguuma coisa de tremendo esta  
va-se passando nos escaninhos  
da ~~essa~~ <sup>sua</sup> alma.

As faces encorilhadas contrahiam  
-se-lhe em longos espavuros, as pu  
pillas faiscavam-lhe, em relam  
pagos de pavor sob as cecidras  
palpebras inquietas, o peito osu  
do arfava-lhe sob a estame  
nha rasgada, em contornos agu  
dos.

~~Tinha-se a impressao de que~~  
O agonizante <sup>parecia</sup> estava existin  
do a alguma scena dautera.  
Era o momento solemne do  
seu julgamento.

Diante delle, o juiz indefecti  
vel examinava, com os seus olhos  
impavidos, o fiel da balanca,  
em cujos pratos estavam depo  
sittadas as suas obras boas e  
mas.

O resultado do exame parece  
que ~~ele~~ não foi muito lion-  
gêno, <sup>para o eremita</sup> porque elle continuava  
inquieta, agitado.

Na <sup>última</sup> ~~última~~ da manhã admoestada  
trouxe-se então um dialogo ani-  
mado, entre réo e juiz, dialo-  
go que devia ser terrível, a jul-  
gar pelas palavras que ouvia-  
da bocca do moribundo:

— Cincoenta annos de penitencia  
não vos bastam, senhor, para apa-  
gar essa culpa da mocidade?

— ...  
— Mas os cincoenta annos, parados  
nas aguras deste cruce, entre je-  
junios continuos, cilícios asperos e ora-  
ções interminas?

— ...  
— Então, a fome e a sede, e  
que, para expiação dessa culpa,  
tanto tempo me impuz, e que  
me transformaram de homem  
vigoroso nesta carcara andra-  
josa de velho doente, as maci-  
nações formidolosas que prati-  
quei em minha carne, duran-  
te cincoenta annos, de nada  
valeram?

— ...  
— E as longas noites de oração,  
as vigílias, as recolhidas aduven-

...deus, a vossa generosa, talvez?  
Sei direstes que a redenção  
fô feita a vós, a esmola  
dada ao pobre, que um copo  
de agua, dado em vosso no-  
me, não ficaria sem recom-  
pensa no céu? A quantos não  
recorri eu com a esmola dos  
meus conselhos?! A quantos não  
dei de beber da agua foun-  
ta da vossa santa doutrina

Misericordia, Senhor, só na vossa  
misericordia acho refugio. Se os cin-  
coenta annos de vida peniten-  
te, no cimo agreste destas escar-  
pas, não satisfazem a vossa jus-  
tica ultrajada, lembrai, ao me-  
nor, que sou uma ovelha da  
que remistes com o vosso pre-  
ciosissimo sangue, na aureole sa-  
crosanta da cruz. Pelo vosso sa-  
gue, perdoad, pois, a este ser  
ingrato.

Depois, quedou-se immovel sobre  
o fôfo leito de palhas cordidas.  
Um sorriso de triumpho, de infi-  
nito jubilo, bailava-lhe a flor  
dos labios. O seu semblante, illu-  
minado <sup>intelligencia</sup> nas irradiações de uma

gracia feica, extraterrena, toda  
celeste. Os olhos <sup>adquiriram</sup> tinham um bri-  
lho novo, um brilho de quem  
já não pertence a este  
mundo. A alegria de ser a esposa  
de quem ia viver lá em ci-  
ma, junto aos Tabernáculos an-  
gustíssimos do Senhor dos exerci-  
tos, operava nelle uma transfor-  
mação completa. E foi no meio  
dessa alegria ruidosa e commu-  
nicativa, que a sua bella al-  
ma se despreendeu do envolu-  
cro carnal, voando para o seio  
de Deus.

O monge, mal voltado a si da dor  
presa daquelle dialogo metuen-  
do, choravam commovidamente. Mel-  
dos, tristes, ~~retomavam~~ retomavam os seus bacu-  
los, deixaram a encosta, baten-  
do nos peitos, a formular, cada  
um para si, intimamente, a  
mesma pergunta inquietadora:  
se um santo, como ~~o~~ aquelle  
encosta, fôra julgado por Deus  
com tamanha severidade, que  
era d'elle? ~~Um pensamento~~  
~~Uma resolução~~ ~~o~~ angosta  
~~o~~ nelle: - apertar o mais pos-  
sivel os rigores da vida ascética.  
E foi assim que a thebaida an-  
tistiu os renouamentos da fei-

vor cristão, assembrando o mesmo  
com as práticas suaves da sua  
disciplina autêntica.

John A. Williams